

PERSONAL TRAINER: A PROFISSÃO, O PROFISSIONAL E A ESTRUTURA DE UM NOVO MERCADO

Wilson do Carmo Junior

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Rio Claro, São Paulo, Brasil

Sebastião Gobbi

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Rio Claro, São Paulo, Brasil

Camila Vieira Ligo Teixeira

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Resumo

O presente ensaio faz uma reflexão acerca do personal trainer nos âmbitos da profissão, do profissional e do mercado de trabalho. Para tal são apresentadas reflexões envolvendo aspectos conceituais, do campo de conhecimento e de intervenção e suas mudanças que acompanham o desenvolvimento e globalização.

Palavras-chave: Educação Física e Treinamento. Profissional. Mercado de Trabalho.

Introdução

Estamos vivenciando uma etapa de consumo de “atividade física”. O predicativo parece uma invenção de última hora, mas não nos surpreende o fato da educação física ter sido dinamizada quanto ao conceito de profissão, no seu sentido estrito, e, o fato da profissão se tornar prestadora de serviço à saúde. Diferentes conceitos sobre as práticas regulares na epistemologia da Educação Física (esporte, recreação, luta, dança, ginástica, jogos) e regulamentadas no campo de intervenção profissional (regência e docência em Educação Física; treinamento desportivo; preparação física; avaliação física; recreação em atividades físicas; orientação de atividades físicas e gestão em educação física e desporto) balizam a capacitação profissional, sendo que o volume de conhecimento e a diversidade de categorias de investimentos no campo da saúde individual e coletiva têm exigido e impulsionado o profissional de educação física a um nível de especialização, que pouco tempo atrás não era tão exigido. Tão pró-

ximo do conceito de aula (professor – aluno), a prestação de serviço, assim como a mudança de conceito de mercado (profissional – cliente), levou nos dias atuais ao conceito de fitness. Além dessa concepção de intervenção, a dinâmica dessa categoria profissional exige também uma mudança na categoria de mercado, investimento, cultura, economia, linguagem e uma complexa remodelação na formação do profissional. O que antes poderia ser visto como professor, hoje, essa concepção se faz em torno de um profissional de formação multidisciplinar, cujo foco se volta para uma comunidade de consumo como qualquer outra categoria semelhante no contexto da saúde, qualidade de vida, capacitação, ética e todos os quesitos os quais se conjugam num mercado de consumo diferenciado e em estado de aperfeiçoamento contínuo, além da manutenção da docência. Tal formação caracteriza-se hoje, na prática, os cursos de licenciatura e de bacharelado (graduação) e dentro deste último as modalidades em esportes, educação física, ciências da atividade física.

Seguindo a tradição da formação do profissional de educação física, nos últimos quinze anos, surge o personal trainer como um condutor da nova modalidade profissional. Nesse sentido é que a profissão Educação Física se reconstrói no sentido de abrir um novo mercado de trabalho, tornando-se uma fonte de referência para interessados em negócios cuja liberdade de atuação repousa numa intrincada e revolucionária organização de trabalho. Nessa relação, aluno se transforma em cliente, aula por meio de atividade física se transforma em negócio e serviço. Assim, por força e pela concentração de um trabalho voltado para a saúde, a nomenclatura da função profissional se refaz pela necessidade de novas competências no campo político e institucional, novas possibilidades de investimentos no campo de prestação de serviços e de resultados. O professor de educação física, a partir do momento em que as questões associadas, conhecimento de conteúdos de áreas afins (fisiologia nutrição, psicologia social, análise econômica e de mercado, fisioterapia, terapia ocupacional, entre outras) e há a necessidade de engajamento, é levado a estudos científicos mais especializados e refinados, ou seja, entra a nomenclatura dos processos de prestação de serviços. Assim, uma categoria nova se apresenta: o profissional e prestador de serviço, inserido num novo painel mercadológico, ao lado da tradição cultural das aulas de educação física/sessões de atividade física em diferentes especialidades e concepções pedagógicas.

gicas em escolas, academias, empresas, clubes, hospitais e clínicas e em outros setores de serviços.

Este corolário político social leva à criação de uma lei que atribuisse competências privativas do Profissional de Educação Física, a qual expressa no seu artigo 3º: “Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto.” (BRASIL, 1998, p. 13).

Historicamente, o conceito de educação física vem se transformando e gradativamente se sustenta como uma área de conhecimento que se volta para a saúde, educação motora (escola), esporte, dança, lutas e atividades recreativo-motoras. Com tamanha extensão conceitual e de possibilidades de adaptações, a Educação Física talvez seja a profissão com uma maior capacidade de investir e interagir com outras áreas. Nesse sentido, a mudança do paradigma de professor de Educação Física para personal trainer exige uma reflexão cuidadosa. Tal reflexão vem da direção de um conceito que há muito tempo se faz necessário num universo tão complexo que é a prática de exercícios físicos, cuidados com a saúde, comportamento ecologicamente correto e o papel da educação física nesse platô de referência. Neste trabalho, buscamos uma concepção de profissional cuja atuação necessitará de uma formação interdisciplinar na sua concepção mais aguda e completa. Aqui tentaremos compor um quadro referencial da formação do profissional cuja competência exigirá mais que um conjunto de disciplinas técnicas e correlatas; exigirá um novo conceito de prática, àquela na qual o discurso sobre a corporeidade, motricidade, linguagem e neurociência deverão formar um conhecedor do ser humano além de conteúdo e planos curriculares. Nesse cenário, mais que emergencial nos conteúdos técnico-científica, de tradição de formação de um profissional de educação física, será decisiva a formação ética, moral e, sobretudo, do conhecimento de si no contexto das relações interpessoais.

Em busca de uma nova nomenclatura

Entramos numa era de olharmos para o corpo e o movimento humano mais que objetos de estudo da educação física. Uma área na qual a cultura corporal e motora se projeta para um universo no qual não basta especialização ou generalização de conteúdos. É preciso um conhecimento e uma cultura da prática cujo significado se volta para o ser humano com novas necessidades. Na busca de um conceito de educação física que pudesse ter o status de disciplina acadêmica, nos modelos que deram origem à categoria científica, o mesmo vem se configurando desde que Brooks (1981) fomentou discussão a respeito no seio nas universidades americanas. A busca de uma matriz disciplinar, um eixo epistemológico que pudesse sustentar uma matriz científica para o estudo do movimento humano. No Brasil, Tani (1996), já sob a influência da formação acadêmica projeta a discussão sobre uma ciência para educação física. Segue a linha de ciência protagonizada por Brooks (1981), na tentativa de dar visibilidade aos aspectos biodinâmicos, comportamentais e socioculturais da prática. Essa abertura fez que a nomenclatura tomasse um rumo no qual pôde diversificar as relações da educação física enquanto profissão: o professor de educação física na sua origem de formação e já se configurava o pesquisador acadêmico. O novo discurso abordando a terminologia Ciência da Motricidade Humana surge com Cunha (1987) com tentativa de dar uma maior amplitude ao conceito de educação física no sentido a nomenclatura se estende a questões socioculturais com o debate com interface filosófica tanto quanto científica. Surge uma valorização dos conceitos clássicos sobre e vem fortalecer a subjetividade conceitual acerca do movimento humano. Para Cunha (1987, p. 153), a ciência da motricidade humana é a “Ciência da compreensão e da explicação das condutas motoras, visando o estudo e constantes tendências da motricidade humana, em ordem ao desenvolvimento global do indivíduo e da sociedade e tendo como fundamento simultâneo o físico, o biológico e o antropológico”.

Ainda no contexto da busca de uma nova nomenclatura que pudesse fortalecer a idéia de que a educação física estava no rumo certo na busca de sua identidade, surge a concepção de cultura corporal de movimento. Com tal terminologia, Betti (1993) procura dar significado aos processos de formação profissional no domínio de valores e de consciência sobre as práticas corporais. É dentro dessa conscienci-

zação que se preconiza a cultura esportiva. De um lado a dimensão popular na qual a saúde, a beleza, os padrões institucionalizados tornam ferramentas para propagar a prática de exercício físico no âmbito populacional. Do outro lado, apresentando o domínio da ciência do esporte como pano de fundo, os órgãos institucionais começam a dar visibilidade para formação de uma comunidade de pesquisadores que se voltam para o esporte de alto-rendimento.

No cenário da globalização, já numa visão de mercado com olhares para a inovação do campo da prática de exercícios como reflexo da necessidade de entretenimento, saúde, qualidade de vida, certificação ISO 14000 nas empresas e no comércio, a educação física inicia um processo de busca de novos mercados de trabalho. O professor se torna um prestador de serviço, pois, é dentro dessa imagem de saúde que surge o Personal Trainer. Ainda que na formação profissional, a estrutura curricular avança no campo multidisciplinar, sobretudo, na esfera de uma nova cultura corporal. Aquela, na qual a indústria cultural da moda, de medicamentos e de alimentos projeta seus produtos vinculados à prática de atividades físicas. Ganha força a concepção de *physical fitness*, como uma categoria conceitual que força os cursos de educação física a repensarem a relação teoria-prática, nos seus projetos pedagógicos. Nesse contexto cultural, a Organização Mundial da Saúde foca - a questão da saúde como um bem do qual as pessoas têm direito. Com tal nomenclatura, mais que simples mudança de nome, vem a mudança conceitual. A preocupação de dar visibilidade e esclarecimento sobre a importância da prática de exercícios é acompanhada com as questões do bem-estar das pessoas. Nesse cenário, a indústria cultural passa a investir num mercado promissor e o Personal Trainer se projeta como um profissional prestador de serviço dando um novo choque de conceito; ao invés de aluno, cliente.

Essa mutação da Educação Física, como uma profissão liberal, orienta-se pela lógica mercadológica do trabalho e apresenta-se como uma prestação de serviço, onde o cliente é considerado o sujeito da ação (SADI, 2005).

Segundo Pinheiro (2000), o personal trainer parece surgir como um indicativo de que a Educação Física acompanha a evolução social - "Era de Personificação". Para ele, a "Era da Personificação" resume-se em realização pessoal e respeito pela singularidade, e é onde o indivíduo tem seu próprio valor, não apenas como esfera econômica, política e de saber, mas também nos costumes e no cotidiano. Nesse

sentido é que surge a figura do personal trainer e com ele o treinamento personalizado, onde o indivíduo é tratado como único, com seu treinamento específico, individualizado e personificado.

A educação física passa a ser uma profissão na qual questões de competência, nível de especialização, domínio de uma linguagem específica, relação empresa-produto, serviço e qualidade entram na área da “aptidão expandida”. Os conceitos sobre fisiologia, anatomia, biomecânica, aprendizagem motora, disciplinas do eixo científico e pedagógico da educação física convergem para entender o ser humano na sua totalidade física, psíquica, ética, social, conduzem a formação do personal a adquirir status de profissional liberal pela força da circunstância da sua intervenção num novo mercado. Numa dimensão de competências, num mercado promissor, com a penetração de uma indústria cultural para a saúde e beleza em expansão, surge uma espécie de “indústria cultural da ginástica”. Sob o domínio do conceito de fitness, os corpos em evidência exigem um profissional em evidência, saudável, belo, culto, expressivo na linguagem e na presença, enfim, projeta o personal trainer como o profissional renovado numa nomenclatura da prática também renovada.

Oliveira (1999) conceitua personal trainer como o profissional de fitness licenciado em Educação Física, que desenvolve e prescreve programas de treinamento físico individualizado; e esses treinamentos são baseados em seus conhecimentos nas áreas de anatomia, treinamento esportivo, biomecânica do movimento e fisiologia do exercício.

A perspectiva ora vigente não escapará da globalização. Com efeito, a dimensão global deve exigir um desempenho extra da conduta e na formação do profissional de educação física. O aspecto relevante é que o investimento do ser humano na saúde vai ter reflexos imediatos na busca da recuperação do tempo perdido e no bem-estar. O profissional de educação física que está por vir não será o mesmo, pois a cultura das práticas corporais se expandiu a níveis de informação total, entendimento sobre relações interpessoais, inovação nos métodos de condicionamento físico e alimentação, mobilização em defesa da qualidade de vida e meio ambiente e a modalidade virtual. O indivíduo parece ter descoberto a necessidade de pisar no freio, com se diz no popular. Os prazeres do trabalho parecem ter alcançado a dimensão da fadiga no sentido literal. Como disse Botton (2009), filósofo e escritor, na sua reflexão sobre os prazeres e desprazeres do trabalho, discute sobre o dia-a-dia de trabalhadores, tentando compreender por que

escolheram suas profissões, que alegrias e angústias obtêm delas e o que elas dizem sobre suas personalidades. Boa parte de nosso tempo é gasta no trabalho, uma atividade tão trivial que acaba não recebendo sua devida atenção. Essa conduta talvez venha ser o fato gerador de estresse nos tempos atuais. A atividade física, a especificidade e o conhecimento da necessidade e da cultura de cada cliente exigirão uma conduta profissional competente que deve ultrapassar o conhecimento simplista da fisiologia. Nesse mesmo domínio, De Masi (2000) defende uma abordagem mais lúdica e essencial a manutenção da vida além da atividade produtiva nos moldes do capitalismo vigente. De Masi (2000) elabora, em seu discurso, os temas da sociedade pós-industrial, do desenvolvimento sem emprego, da globalização, da criatividade e do tempo livre. Insatisfeito com o modelo social centrado na idolatria do trabalho, ele propõe um novo modelo baseado na simultaneidade entre trabalho, estudo e lazer, no qual os indivíduos são educados a privilegiar a satisfação de necessidades radicais, como a introspecção, a amizade, o amor, as atividades lúdicas e a convivência. Eis a responsabilidade ética e moral do personal trainer no domínio do conhecimento sobre o indivíduo e a sociedade em que se vive.

O sentido da atividade laboral se encontra com a atividade do trabalho na condição de manutenção da saúde. Parece não bastar custear um atendimento individualizado, corretivo, personalizado e disciplinado do personal sem que este não esteja engajado no conhecimento da totalidade do comportamento do seu cliente, ou mesmo não consiga estabelecer as relações conceituais que conduz a prática de exercícios como estilo de vida. Felizmente, o personal trainer dispõe de ferramentas para iniciar essa transformação como prestador de serviço à saúde. Entretanto, como qualquer outra modalidade profissional, ainda necessita do enlace interdisciplinar sem ferir sua competência. A atuação do personal trainer se confunde com outras categorias profissionais por ausência de cultura da prática, não necessariamente a questão ética. Há uma necessidade emergente de associações profissionais, o diálogo de conhecimentos correlatos como mecanismo de incentivar a troca de conhecimento entre profissionais. Seria a concepção mais nítida do trabalho interdisciplinar e de cooperação para o ganho e para o bem comum. Assim, como o mundo ficou mais veloz e interligado, o processo e o produto estão mais próximos no contexto da saúde e qualidade de vida.

Por conta disso, os defensores da profissão vislumbram na especialização do saber e a busca contínua de conteúdos exclusivos para que, desta forma, o suposto profissional de Educação Física se constitua no orientador exclusivo da atividade física. Sob a motivação de defesa da sociedade, no mesmo nível de outras profissões já regulamentadas, houve a necessidade da criação de um Conselho profissional, juntamente com um código de ética. Para Nascimento (2002, p.28), essas iniciativas são essenciais para "estabelecer padrões de conduta profissional quanto para assegurar o fornecimento de produto de alta qualidade e a projeção de uma imagem profissional".

Os Conselhos profissionais têm dentre outras funções, a de assegurar, na defesa da sociedade, as prerrogativas exclusivas de atuação do profissional da área. No caso da Educação Física, há também uma preocupação com atuações de profissionais de nível superior de outras áreas (Medicina, Fisioterapia, Turismo). Mas, há que se resolver uma aparente contradição que emerge de uma reflexão menos aprofundada e simplista, ou seja, quando a todo tempo se enfatiza a importância das equipes multidisciplinares, e ao mesmo modo em que se observa uma preocupação com a atuação específica que cabe a cada profissional.

O personal deve conhecer a nova modalidade de atuação. O conteúdo da sua prática deve ter a interface com a modalidade conceitual sobre recursos humanos na sua totalidade conceitual. Seria como conhecer o trabalho na sua extensão, pois saber que o estresse gerado pela rotina da vida diária em escritórios, empresas, ou qualquer dependência de rotina está próximo a ser extinto. Como profissional, o personal deve ter outros saberes, como conhecer como o estresse, a atividade física como opção e a busca da satisfação e opção pelo bem-estar, que são características marcantes do pensamento individual na modernidade. Novas tecnologias vão aproximar o corpo e a mente e essa aproximação já geram novos comportamentos, valores e conceitos de atividade física e laboral. É, pois, dessa forma que as práticas corporais entrarão em vigor como necessidade vital, portanto, a orientação e a capacitação estarão dentro da área de recursos humanos com um novo formato: a pró-atividade, network bem estabelecidos e flexibilização do tempo nascem como conduta e escolha. E, se o prazer do trabalho profissional for tão sincero quanto o trabalho com a prática de exercícios, a somatória dos resultados serão a partilha entre a atuação desses dois esforços doravante combinados.

O personal e a revolução dos corpos

Corpo ou corpos sinaliza Rodrigues (1986). Na sua visão, o corpo adquire uma concepção cultural ao longo do tempo e dependente da estrutura social na qual o indivíduo está inserido. Nossa fisiologia parece estar entrelaçada com a nossa antropologia. Um fenômeno que se configura no todo social como reflexo da sociedade, como realidade subjetiva. O ser humano na sua totalidade está inserido no sistema social como seu organismo está para a sua anatomia funcional, da mesma forma que o indivíduo em seu ego está disseminado no inconsciente coletivo. O discurso sobre o corpo toma uma dimensão dinâmica na medida em que se sabe que é a sociedade que determina o que pode e ou não pode ser feito quanto ao uso do corpo. Na prática, somos seres corporais, pois as manifestações que revelam virtudes de seres belos e saudáveis formam representações e estas se tornam visíveis pela nossa capacidade de expressão e representação. Nesse discurso sobre a corporeidade, os modelos, as figuras, os símbolos e as metáforas impressas no discurso se transformam freqüentemente pela figura do corpo. A forma e o conteúdo, saúde e beleza, estado físico e psíquico, formam um conjunto de relações que ultrapassam as necessidades de desejo de estarmos bem. Nesse sentido somos bombardeados pela pressão da mídia, do padrão, do rito momentâneo e da evidência descartável daquilo que nos devemos tornar.

O universo da corporeidade vem se constituindo numa linguagem precisa e determinada a fazer do corpo humano um mote de domínio social. Mais que apenas um conjunto de órgãos e funções fisiológicas, se configura numa perfídia, cujos códigos indecifráveis tornam seres humanos em corpos dóceis de Foucault (1987). É dentro dessa concepção que conseguimos dar visibilidade e diferenciação entre o conceito de corpo e a natureza do corpo.

Os corpos em transformação são o vestígio e a distinção entre corpo conceito e corpo organismo, pois a espécie humana possui uma estrutura anatômica de origem. Já o corpo conceito escapa dessa antropologia, pois é onde repousa o conceito de transformação: a cultura corporal se situa no processo histórico, forma e transforma valores e comportamentos nos planos material e simbólico, mediados pela indústria cultural da ginástica, da moda, dos medicamentos e dos alimentos. Mais contundente do que essa premissa é a concepção desse novo mercado no qual surgem as mais diferentes associações concei-

tuais que imprimem necessidades, para que o desempenho físico se confirme como nova modalidade prática, como acentua Betti (2004), essa mudança instantânea da concepção de cultura corporal e de movimento, com o refinamento de equipamentos, a eletrônica e a informática como forma de diagnosticar, avaliar, prescrever e executar as práticas corporais. O dimensionamento descartável e com a ausência do olhar clínico e espiritual, simbólico pela própria cultura corporal no seu sentido mais rigoroso: a manifestação dos sentidos.

Não é difícil refletir sobre a necessidade de repensar o projeto da cultura corporal e de movimento. Entretanto, ficamos sem ação e sem a condição de ampliar nossa própria cultura da educação física, pois já estamos dentro da armadilha conceitual que dissimula nosso modo de viver e de existir. Para o profissional de educação física, este que ainda não despertou para a análise desse olhar antropológico das transformações físicas além das pulsações fisiológicas, torna mais difícil a reflexão sobre o sentido da transformação. O corpo belo e saudável ainda se alinha como conotação e denotação de modelos individualizados, para tal, entretanto, é preciso um treinamento individualizado. O papel do personal é reinterpretar essa condição. Atitude na qual o papel profissional é estabelecer a ruptura do modelo e do padrão de saúde e beleza, deflagrar o sentido da auto estima de si e do outro, compreender o sentimento alheio sem ofensa a individualidade de si mesmo e do outro. Como compreender essa condição e se preparar para tomada de decisões que contemplariam esse universo de competências sem invadir a ética profissional? Tarefa nada fácil, porém possível pela visão estrutural da profissão, da soma de saberes e conhecimentos, do enlace de capacitações e competências, da busca do conhecimento de si, e, sobretudo, da consciência plena de que não podemos transformar corpos e sim aprimorar o sentido de ser e estarmos presente no mundo vivido em constante mutação.

Para que possamos compreender o sentido das práticas corporais e a ascensão do profissional de educação física no campo da prestação de serviço, seria interessante que pudéssemos compreender também quais são os sinais sociais que governam essas mudanças dentro da estrutura social. Talvez possamos aprimorar a visão da necessidade de olhares para o corpo como fenômeno cultura estruturado e dele obtermos a aproximação do organismo fisiológico com o organismo social. O aprimoramento do conhecimento do ser humano a partir de seu próprio corpo parece ser o trajeto no qual se transforma. Assim, diante

do fato que a atividade física se revela como atividade da cultura, o comportamento motor em interface com o comportamento de valores éticos e morais nos leva a necessidade de compreender o conceito de que as motivações orgânicas nos conduzem a comportamentos específicos, dentre eles, a necessidade de manter a forma, dar visibilidade estética na nossa anatomia, sentir-se bem consigo e projetar a idéia de corpo saudável.

O personal trainer seria o responsável para dar a visibilidade do corpo “perfeito” mesmo que projetando em si mesmo o modelo a ser alcançado. Portanto, essa responsabilidade vem de encontro ao novo projeto de sentir-se bem com o corpo que tem e com isso reconstruir um si mesmo e nos outros. Ora, se por um lado a ilusão de reconstruir os corpos dos outros vem de encontro com aquilo que a cultura imprime como necessidade ou obrigação do profissional, seu cliente talvez não consiga se alinhar ao projeto inicial de uma nova anatomia. Com isso, com a ausência do conhecimento de si, do outro e de como a cultura se encarrega de modelar o que pode, o que se deve fazer com o corpo, como por exemplo, fazer ginástica e, em que dimensão essa atividade acontece, a atuação do profissional personal pode ser corrompida por ignorância da realidade ou por confusão de ego.

De acordo com Beresford (1999), o Homem é um ser, por natureza, arquitetado a partir de suas implexas carências, privações ou vacuidades. As carências podem ser de diferentes naturezas (física/biológica, emocional/psicológica, social ou histórica e moral ou humana) e se relacionam aos múltiplos aspectos da vida humana.

O Homem é estimulado no sentido de satisfazer tais carências. É uma tendência humana, o que faz do homem um ser possuidor de uma consciência intencional que o faz movimentar-se para se satisfazer (WEIL; TOMPAKOW, 2002).

Tal fato nos remete ao mundo dos valores. Nesse sentido de satisfação, é possível entender uma hierarquia de valores. Ainda nesse movimento, o valor é uma qualidade estrutural de natureza metafísica que corresponde a tudo aquilo que preenche positivamente um estado de carência, de privação ou de ausência de um Ser em geral, e do Ser do homem de forma muito particular (BERESFORD, 1999)

Do mesmo modo, como um profissional que se desloca para dentro do universo físico das pessoas também se desloca para o interior afetivo e social da mesma e dela não se desprende mais. Assim, como estratégia de recriar competências no trato com o corpo próprio, o

corpo do outro e o corpo social, re-significa o entendimento corpo humano e nasce o corpo social. Porém, há um caminho possível de não expropriar o corpo dos outros como se fosse seu; compreender o corpo e as práticas corporais considerando-os como pertencentes ao universo dos símbolos e da comunicação que se instala na relação entre o fisiológico e o social. Esta seria a tarefa de multiplicar e expandir competências, dentre as quais o personal trainer poderia se transformar num semiólogo sem a ofensa da ética, porém com a evidência na necessidade de mergulhar mais profundamente na cultura da sua formação profissional. Mas essa é uma tarefa para uma próxima reflexão e que pode vir mais adiante na longa carreira que está por vir.

O personal trainer: de professor a profissional liberal, de empregado a empreendedor

A construção de um arquétipo de consumo sobre as práticas corporais estão na rotina dos meios de comunicação no sentido de que o próprio corpo já transfigura com o fenômeno de mercado. Ainda que visto como um organismo, cujas funções fisiológicas se misturam como fenômeno social, conforme dito anteriormente, a corporeidade se expande com conceito tanto quanto anatomicamente falando. É um equívoco imaginarmos que nos dias de hoje esse fenômeno chamado fitness é uma atividade temporária. De todas as relações que podemos estabelecer no sentido de compreender o porquê praticamos exercícios, a mais prudente é aceitar que na prática, essa configuração apenas muda sua nomenclatura, porém, o efeito e o resultado refletem uma necessidade de sobrevivência. Sabemos pela via antropológica que a educação física é ancestral, mover o corpo reflete a simbologia na natureza prática do homem. As noções de técnicas corporais são pré-existentes à cultura humana (MAUSS, 1977).

Hoje, vivemos num mundo de paradoxos, mesclas de tratamentos naturais e artificiais quanto ao corpo humano, no sentido da saúde e beleza. Nesse processo de intermediação da mecânica dos corpos e da realidade virtual, o ser se transforma numa velocidade sem que seja percebido. E, o corpo se transforma em marca cultural e as atividades físicas e as práticas corporais, os esportes, a dança e as funções lúdicas se confundem com as evidências das funções digitais. De um atletismo primitivo no qual as habilidades eram concedidas pela necessidade de sobrevivência, hoje, temos as academias, os clubes, as

empresas, hospitais, escolas como os topos do universo da prática. Nessa confusa relação de distanciamento entre nossos ancestrais e o homem contemporâneo, o trabalho artesanal, braçal deu lugar ao trabalho fixo e sedentário. Nada de novidade nessa relação, porém, o comportamento motor humano parece necessitar de um novo espaço para se exercitar, necessita de novas formas de orientação e métodos de aplicação da prática, e, uma necessidade vital de planejamento e organização. Nasce o professor-empresendedor; da escola à empresa, do espaço aberto ao ambiente restrito, da prática espontânea à prática necessária, nasce um novo consumo, e dele a marca, o marketing, a indústria cultura da ginástica.

Entender o consumidor e o mercado nesse universo é um novo desafio, pois devem ser considerados os códigos culturais que se entrelaçam e de que forma esses códigos se expandem em diferentes níveis de consumo sobre o corpo mercadoria. As influências, desconstrução de hábitos, arquétipos emocionais, multiplicidade de eventos, a pressão cultural, legitimidade da profissão, competência e a luta por resultados imediatos associados ao encurtamento do tempo, espaço e dinheiro, formam uma confusa cadeia de sistemas, na qual perdemos a noção de necessidade e até de sobrevivência. No rigor e na velocidade de estarmos bem, em forma, belos e saudáveis, o Personal Trainer - Profissional de Educação Física e a Academia - Empresa podem transparecer como a nova perspectiva de consumo. Nada tão visível que possa nos alertar para as contradições, as quais projetam no inconsciente humano a sensação de que estamos bem servidos pelos serviços que compramos na cultura da ginástica. Essa reflexão deveria fazer parte de um processo em curso, não apenas num produto recriado por uma personalidade emergente. A projeção de um mundo em atividade física se revela por um estado de consciência sem o espírito crítico e com pouca capacidade de entendimento ético, e, portanto, o contrassenso entre educação física, empresa, consciência de marca, reputação dessa marca, geração de clientela e venda. Nessa confusa relação reeducamos fisicamente às avessas, sem que possamos desobstruir o sentido real do Personal Trainer como prestador de serviços. Estamos diante de um novo paradoxo da atividade profissional dentro da educação física: o professor na ética da transmissão de um conhecimento necessário sobre práticas corporais e o profissional nas buscas de estratégias e determinação, produtor de marcas na tentativa de almejar ascensão profissional e pessoal.

A direção a ser tomada ainda requer um nível de experiência que ainda, ao que conhecemos de um professor de educação física, o profissional da prática, do corpo sadio, da virtude pedagógica, do brincar e do treinador. Porém, considerando o cenário exigente que está por vir, de um consumidor informado e decidido a conduzir a vida saudável com resultados, o personal trainer que estamos tratando ainda não se formou. Pois, a natureza da profissão de professor tecnicamente dedicado se depara com a natureza de um consumidor culturalmente preparado. Será preciso ideias mais sofisticadas, ampliação das habilidades pessoais e interpessoais, vigor na gestão de marketing e negócios, administrador de emoções e necessidades daqueles que buscam mudança de hábitos, compreender melhor a interdisciplinaridade e parcerias. A visão de mercado numa atividade na qual a referência principal é o resultado imediato, o personal trainer se transforma num prestador de serviços que não pode errar ou errar pouco. A visão empresarial nas academias, a busca pelo lucro numa competição cuja base é transformar ideias em atividades físicas e dietas compostas, vai exigir um profissional engajado, estudioso, convicto da função e de independência de informação, domínio de idiomas e verdadeira capacidade de compor equipes.

Nesse universo aparentemente consagrado por alguns e com visão de fracasso de outros, resta a possibilidade de reflexão sobre a globalização das práticas corporais cuja tarefa principal é retirar de uns a possibilidade de fornecer a outros o olhar cultural para a prática de esportes, danças, atividades lúdica, danças e lutas com produto de gôndolas de supermercados. Ao personal resta a busca da consciência de um serviço inusitado, mas que o reflexo de sucesso e fracasso repousa na expansão do erro ou do acerto de sua escolha, com uma diferença tácita: o erro torna-se visível e irremediável.

Conclusão

A pergunta que poderia concluir uma reflexão sobre a formação e a prática profissional do educador físico como Personal Trainer seria: - em que dimensão está se formando um novo profissional da educação física? Não teríamos uma resposta imediata, porém, não seria difícil a reflexão sobre a qual as questões associadas à re-significação da atividade tomam um rumo ainda incerto. Num primeiro momento, os fatos convergem para a questão ética e de competência. A natureza da pro-

fissão, seus aspectos tradicionais de formação pela experiência corporal, esportiva ainda se configura como sendo um patrimônio conceitual da área. Entretanto, os aspectos teóricos, os quais foram inseridos no ambiente acadêmico, a questão interdisciplinar, o enlace metodológico entre prática profissional, pesquisa, atualização de conteúdos e conceitos, a globalização e questões mercadológicas são indicativos fortes de que a nomenclatura pode desencadear um novo espelho na formação acadêmica. Um olhar para a saúde e desempenho físico e estético parece dominar o espectro de um novo serviço em foco. De professor à prestador de um serviço dirigido, específico, especializado, deve canalizar o objeto de estudo cada vez mais profundo e abrangente, pois, não há como seguir a tradição da formação generalista, sem que a cultura geral esteja presente nos conteúdos curriculares associados as experiências históricas e antropológicas, sobre a cultura corporal e de movimento.

Já é possível refletir sobre a maturidade do profissional de educação física como prestador de serviços à saúde como personal trainer. Há trinta anos já se falava na indústria fitness, conceito clássico na esfera da cultura corporal contemporânea. Os empreendimentos empresariais formam a concepção de prática, exercícios, esportes indoor, visão estética, categorias profissional correlatas no cuidado dos esportes de rendimento, a visão de rendimento ótimo. A experiência nesses trinta anos de mudanças na concepção de teoria e prática na educação física levou a mudanças estruturais na formação do profissional, e, ainda que tímida, os reflexos dessas mudanças já estão em curso nas academias, nas empresas, nos centros comunitários, nos clubes sociais, na internet e redes sociais. O quadro requer ainda mais um rigoroso plano de carreira e um profundo conhecedor da cultura geral. Não basta ser um personal trainer técnico com excelência em títulos, mas sim um excelente conhecedor do seu aluno (hoje cliente em potencial). A busca de novas habilidades temáticas que poderão diferenciar a metodologia de trabalho poderá tornar decisiva a visão de um empreendedor, empresário, profissional da área de saúde, marketing pessoal e gestor em negócios. O caminho é longo, mas já podemos enxergar um lusco no desenvolvimento de uma nova visão profissional dentro da Educação Física.

Nesse sentido, ainda que tardio, a percepção de um profissional teórico, conhecedor do ser humano e da cultura geral está se projetando. Parece não ter espaços num mercado de serviços à saúde e a bele-

za, ao desempenho esportivo imediato e precoce, um profissional sem qualidades de observador, pesquisador, ético e em constante evolução intelectual. O conhecimento de um público interessado em viver melhor e mais tempo, revigorado pela necessidade de estabilizar e manter um tempo obrigatório para cuidados com o prazer de viver bem, está sendo veiculado em todas as esferas da vida contemporânea. Um profissional que vem se tornando responsável pelo bem-estar dos outros, a rigor, ainda trás consigo a dúvida e a escolha da responsabilidade que está por vir. Nesse momento da vida cultural, dos reflexos da condição de prestador de serviços, o personal trainer está em fase de concretizar completamente sua inserção, num mercado competitivo ainda não totalmente estabelecido, com regras claras e de alcance em todas as camadas sociais, necessidades e aplicações específicas nesse universo de trabalho.

O personal trainer, ainda mediado pelo conhecimento técnico, conhecedor de métodos de treinamento especializados, dominando as diversas áreas de formação acadêmica, está consciente de que não basta ser um bom técnico, é preciso conhecer-se a si mesmo tanto quanto o outro e o meio em que vive. Talvez o personal esteja em formação, mas ainda não estável dentro desse novo conceito de trabalho. As considerações acerca da busca de novos mercados, tanto quando um lugar no qual a tecnologia substitui as funções orgânicas e fisiológicas, exige atenção e cuidado no tratamento das questões de saúde, qualidade de vida, meio ambiente, adaptação e renovação instantânea de atuação e intervenção dos meios de comunicação. Nesse conjunto de relações pessoais e interpessoais, experiências e tomadas de decisões rápidas em virtude das mudanças imediatas e necessárias, exige do personal trainer uma agilidade que até então não se supunha tão rapidamente. É possível observar no meio dessa atividade profissional, ainda uma mescla de atitudes metodológicas tradicionais e inovadoras, porém, numa confusa idéia de práticas alternativas. Essa confusão, em parte, reflete o paradoxo deste relativamente novo campo de intervenção profissional: deixamos a intuição e a percepção da realidade da prática de um lado, do outro, a dinâmica tecnológica que se vincula a indústria cultural da ginástica. Tais progressos, ainda que necessário, podem criar uma confusa e equivocada projeção de competências, cujo resultado ainda não está claro.

O projeto personal trainer está em curso, é preciso rigor filosófico, científico e artístico num mundo tão extenso e globalizado, com alter-

nativas para a saúde individual e coletiva que possam dar visibilidade e certeza do caminho a ser seguido. Não é a uma conduta facilitadora, essa de entrar na prática como curioso e interessado num mercado promissor e aberto sem onexo cultural necessário. Tratar da atuação personal trainer, como um prestador de serviços sem a condição da tradição do sentido de “professor” pode ser uma armadilha. Entretanto, deixar-se sedimentar pela categoria de professor sem a inspiração e olhar numa nova perspectiva da atuação pode ser outra armadilha. No conjunto dessa reflexão, o personal trainer reflete a necessidade com cautela. No bojo do entusiasmo de um mercado promissor pode estar vindo junto à ilusão de sucesso. Esse diálogo filosófico exige rupturas e crenças numa lógica nem sempre visível e esclarecida na busca de espaço profissional. As academias poderão virar escritórios e consultórios sem a condição de sustentação do próprio conceito de profissão. A atenção e cuidado na tomada de decisão sobre como conduzir a experiência e o resultado dessa prática, pode ser um engano. Mas pode ser também o elo que faltava para admitir que a educação física está sendo retratada pela ampla capacidade de olhares sobre o corpo e a motricidade, sobre uma nova linguagem da prática de exercícios, esportes, lutas e dança. A profissão pode estar entrando num universo em que outras ainda não vislumbraram.

Essa reflexão, ainda que pouco descrita na produção de conhecimento da Educação Física, deverá se moldar, tanto no campo pedagógico como na esfera tradicional biodinâmica. O Personal Trainer já é um difusor de competência quando o assunto é saúde, qualidade de vida, mudança de hábito, noção de corpo e de movimento, habilidoso na linguagem e na expressão legítima sobre conceitos de educação física.

Personal trainer: the carrier, the professional and the structure of a new market**Abstract**

This paper reflects on the personal trainer in its domain of career, professional and labor market. Therefore, some reflections are presented involving concepts, field of knowledge and intervention, and its changes that accompany the development and globalization.

Keywords: Physical Education. Professional. Job Market.

Personal trainer: ocupación, profesional y la estructura para un nuevo mercado

Resumen

Este trabajo se presenta una reflexión sobre el personal trainer en los campos de la profesión, del profesional e del mercado laboral. Para tales reflexiones se presentan tanto los aspectos conceptuales, de conocimiento y intervención, y los cambios que acompañan el desarrollo y la globalización.

Palabras clave: La Educación Física. Profesional. Mercado de Trabajo.

Referências

BERESFORD, H. **Valor: saiba o que é.** Rio de Janeiro: Shape, 1999.

BETTI, M. Corpo, cultura, mídias e educação física: novas relações no mundo contemporâneo. **Efdeporte – revista digital**, Buenos Aires, ano10, n. 79, dez., 2004.

_____. Cultura corporal e cultura esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.7, n.2, p.44-51, n. esp, 1993.

BOTTON, A. de. **Os prazeres de desprazeres do trabalho.** São Paulo: Rocco, 2009.

BRASIL. Lei nº 9696, de 02 de setembro de 1998. Regulamenta a profissão de Educação Física. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, nº 168, p. 13, 02 de set. 1998. Seção 1.

BROOKS, G. A. What is the discipline of physical education? In: BROOKS, G.A. (Ed.), **Perspectives on the academic discipline of physical education.** Champaign-IL: Human Kinetics, 1981.

CUNHA, M. S. **Para uma epistemologia da motricidade humana.** Lisboa: Compendium, 1987.

DE MASI, D. **O ócio criativo.** São Paulo: Sextante, 2000.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

MAUSS, M. Noção de técnicas corporais. In: _____. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: EDUSP, v. 2, 1977.

NASCIMENTO, J. **Formação profissional em Educação Física:** contexto de desenvolvimento curricular. Montes Claros: Unimontes, 2002.

OLIVEIRA, R. C. de. **Personal trainer:** uma abordagem metodológica. São Paulo: Atheneu. 1999.

PINHEIRO, D. R. V. **O perfil do personal trainer:** na perspectiva de um treinamento físico orientado para saúde, estética e esporte. 179p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Curso de Educação Física, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2000.

RODRIGUES, J. C. **O tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

SADI, R. S. **Educação Física, trabalho e profissão.** Campinas: Komedi, 2005.

TANI, G. Cinesiologia, Educação Física e esporte: ordem imanente do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 9-49, dez., 1996.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala:** a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

.....
Recebido em: 25/04/2011

Revisado em: 10/09/2011

Aprovado em: 11/12/2011

Endereço para correspondência

wilsonjr@rc.unesp.br

Wilson do Carmo Junior

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Instituto de Biociências de Rio Claro.

Av. 24 A

Bela Vista

13506-900 - Rio Claro, SP - Brasil